

SOMOS MUITOS, JOSÉ

Por **Alexsander Machado e Geraldo Balduino Horn**

Esse texto é uma livre adaptação feita a partir de poemas de Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Augusto dos Anjos e também das obras de Albert Camus, Franz Kafka e Leandro Konder.

A tarefa de preparar esse editorial não foi algo fácil de se realizar. A situação é radicalmente absurda. Olhamos ao redor e buscamos a negação. Alguns livros, muitas perguntas. Subitamente lembramos que a coruja de Minerva só levanta voo ao cair do crepúsculo.

E agora, José? A luz apagou, mas a coruja não voa mais. E o mundo torna-se a cada dia mais estreito. Mundo, mundo vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo seria uma rima, não seria uma solução. E agora, Jose? Sozinho no escuro. Não desças, não subas, fica. O mistério está é na tua vida!

Tomado por uma sensação de vertigem social, de não saber qual direção tomar, e, além disso, sem esperança por ter perdido tudo o que lhe dava sentido. José se sente sozinho no escuro. Tanto faz andar ou ficar parado, se durante o dia, à noite ou de madrugada. Ele com ele mesmo. Ele e a multidão. José se recolhe, se distancia, se desloca e se perde na escuridão. Resta-lhe a esperança de um reencontro de si consigo mesmo e com o outro. Mas cadê o outro?

Ah, José. Se você gritasse, se você socializasse, se você ouvisse a base descontente, se você dialogasse, se você conversasse, se você mobilizasse. Mas você não tem dialética, você é duro, José! Quando, porém, as paredes foram convergindo e lá no fundo você caminhava para uma ratoeira. José, eu não deveria te dizer. José, por que nos abandonaste se sabias que não há democracia sem a força daqueles que se levantam todo dia. O despertador acaba de indicar um quarto para as sete. Café com pão.

Agora, é tarde demais para se encostar. Que eu preciso muita força. José, se me dessem – um dia – uma outra oportunidade, eu nem olhava o relógio; seguia sempre, sempre em frente. Mas no meio do caminho tinha uma pedra. José, para onde?

Há uma pedra no caminho de cada trabalhador. Todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo que a sua queda. José, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua miserável condição: pensa nela

durante a descida. A clarividência que deveria ser o seu tormento consoma, ao mesmo tempo, sua vitória. Não há destino que não possa ser superado com a memória das nossas derrotas. Mas você não tem dialética, você é duro, José! E continuamos tecendo.

José. Escuta: toma um fósforo. Acende teu cigarro! O reformismo, amigo, é a véspera do escarro. O congresso que afaga é o mesmo que golpeia. Levante-se com os despossuídos. Com os sem documento, sem-domicílio, sem-teto, sem-emprego e sem-direitos. Escuta, José! Escuta de novo o povo de ondes veio. Farás, assim, do mal que eles te querem, teu mais amável e sutil recomeço.

Não te abras com teu amigo, que ele um outro amigo tem. E o amigo do teu amigo, possui amigos também. Não desça, não suba, fica. A luta é aqui e agora, é ao lado dos despossuídos, desempregados, desnutridos, desiludidos, des... ah, triste prefixo!

No fim tu hás de ver que a classe trabalhadora tudo produz. Perceberá que as derrotas da dialética podem sempre vir a ser, dialeticamente, aproveitadas. A vitória, José, pode “engendrar facilmente uma ideologia triunfalista que entorpece o espírito autocrítico e leva o pensamento a se instalar num carro blindado. A derrota, ao contrário, nos desafia a nos revitalizarmos e pode nos dar uma preciosa ocasião para nos renovarmos.”

E nós bradamos: A democracia está morta! – Viva a democracia!



AGENDA DO NESEF

07/11 (quarta, às 14:00, sala 240, Rebouças- UFPR)
Mesa (1): Avaliação e análise de conjuntura com Anita Helena Schlesner, Emmanuel Appel e Dra. Clair;

14/11 (quarta, às 14:00, sala 240, Rebouças - UFPR)
Mesa (1): Avaliação e análise de conjuntura com representantes dos movimentos sociais: MST, Indígenas, Afro-descendência e LGBTI;

24/11 (sábado, às 14:00, Anfiteatro 400, Reitoria-UFPR) – Sessão cineclubista do Jogo de Cena;

28/11 (quarta, às 14:00, sala 240, Rebouças - UFPR)
Oficina: Produção do Jornal O Sísifo de dezembro/2018 sobre as Olimpíadas Filosóficas

FILOSOFIA E ARTE: A FORÇA DA CRIAÇÃO JUVENIL

Por **Márcio Pheper** – CEP
heper@gmail.com

O **Museu Oscar Niemeyer** traz uma instalação artística com aproximadamente 350 telas inspiradas a partir dos conceitos da filosofia pré-socrática e clássica grega. A instalação junta obras de jovens artistas ou jovens filósofos ou, os dois como queiram. Tais obras são o fechamento de um projeto que levou **alunos da série inicial do Ensino Médio do Colégio Estadual do Paraná** de sujeitos passivos frente a filosofia a um papel de protagonistas na produção artística e na reflexão crítica de seu tempo. O resultado é surpreendente, pois vemos obras que vão das mais simples técnicas e análises até técnicas e críticas complexas usadas para promover um retrato crítico acerca de nosso contexto.

A filosofia se apresenta como alicerce conceitual que fornece as ferramentas aos jovens, para que estes, utilizando tais conceitos retirados do nascimento do olhar filosófico e científico grego, período Pré-Socrático, que rompe com a perspectiva mítica na explicação da realidade, bem como o período clássico da filosofia grega que abarca de Sócrates a Aristóteles.

Depois dessa apropriação dos conceitos que ensinaram o olhar filosófico e científico, a arte surge como elemento de objetivação da crítica. Inicialmente os jovens tiveram a possibilidade de visitar o próprio Museu e ver ali algumas exposições com o objetivo de captar as críticas inerentes às obras-de-arte, para que compreendessem que por trás das obras existem sempre os conceitos que balizaram seus autores.

Então, depois de exercitarem de forma discursiva a análise crítica, em seminários, tais jovens foram desafiados a usarem a linguagem artística para empregar os conceitos apreendidos no campo filosófico como alicerces de suas análises quanto à realidade. O nome da instalação tem como título principal “O Mito Hoje” que de forma irônica expressa esse exercício de buscar na atualidade quais são as distorções contemporâneas que referendam preconceitos, ideologias, e que assim nos fazem distanciarmos do que seria a verdade socrático-platônica obtida nessa superação da aparência mítica frente a ascensão da alma ao mundo inteligível (conceitual) das ideias.

O termo instalação talvez não seja tão conhecido do grande público, então devemos observar que segundo o coordenador geral do projeto e curador, **Professor Márcio Pheper** – Colégio Estadual do Paraná e NESEF – o termo “instalação é mais apropriado porque a proposta é tirar o receptor (consumidor) de uma posição meramente passiva enquanto expectador, buscando jogá-lo para dentro da própria

exposição e explorando-o como sujeito ativo na construção, apresentação e interpretação das obras.”

Tendo como subtítulo (INTER) **RELAÇÃO ARTE, FILOSOFIA, TECNOLOGIA E CIÊNCIA**, há uma proposição no formato da instalação relacionada aos pitagóricos, tendo em vista que a maior parte do acesso as ideias que alicerçaram a criação das obras pelos jovens artistas se dará pela geometria contida em QR Codes (*Quick Response*), códigos de barras em 2 dimensões que podem ser lidos por celulares. Segundo o coordenador e idealizador “essa proposta articula o conceito pitagórico no qual se defende que a realidade, para além da aparência, essencialmente é composta por números, e ao mesmo tempo esse códigos funcionam como portal de acesso ao mundo inteligível que nos permitem entrar em contato com os conceitos que fundamentaram as criações. Essa é, portanto, uma espécie de ascese socrático-platônica à verdade das ideias.”

O professor destaca que embora seja possibilitado esse acesso aos fundamentos das obras com as ideias principais que nortearam as criações, houve a garantia da liberdade absoluta tanto na criação de tais obras, quanto a titulação ou não dessas e sua “sinopse” ou não, de acordo com o juízo de cada artista. “Afinal não podemos também obrigar que se expliquem a obras-de-arte porque isso muitas vezes limita a interpretação dos espectadores e por consequência a arte. Já que muitas vezes as obras ganham vida própria e a explicação detalhada empobrece e direciona. Buscamos então somente as palavras-chave para permitir mostrar as bases conceituais sem limitar a leitura daqueles que entrarão em contato com estas.”

A instalação é chancelada pelo NESEF – UFPR e estará aberta, com entrada franca, dos dias 14 a 19 de novembro no museu Oscar Niemeyer, dentro da Bienal de Arte de Curitiba, em todo o horário de funcionamento do museu, inclusive no dia 19 de novembro, uma segunda-feira, será a única instalação a estar disponível para apreciação do público.

COSMOPOLÍTICA AMERÍNDIA: HÁ MEIO MILÊNIO ENFRENTANDO O FIM DO MUNDO

Por Gustavo Fontes. Doutorando em Filosofia/UFPR
fontesholanda@gmail.com

O primeiro elemento que gostaria de trazer diz respeito a uma imagem tão presente na nossa contemporaneidade que é a de Fim do Mundo. Muitas vezes, a partir das recorrentes versões cinematográficas ou científicas deste fato (apocalipse zumbi, colapso ambiental, invasão alienígena, Epidemias) parece que o fim do mundo não apenas nos aguarda, mas nos espreita, de tocaia para o bote fatal. Estas narrativas são conhecidas como distopias.

No entanto talvez devêssemos nos perguntar, antes de entrar nas elucubrações acerca do apocalíptico fim, o que constitui um Mundo? Será que vivemos todos no mesmo mundo: índios, não índios, ricos, pobres, trabalhadores e investidores no capital especulativo?

De um lado temos a imagem da Natureza projetada pela ciência moderna europeia e insuflada pelo sucesso das conquistas de outros povos e culturas no momento das grandes navegações. O antropólogo francês Bruno Latour nos alerta para a importância do papel da ciência nesta unificação do Mundo feita pelos modernos quando nos diz que: “se os ocidentais houvessem apenas feito comércio ou conquistado, pilhado e escravizado, não seriam muito diferentes dos outros comerciantes e conquistadores. Mas não, inventaram a ciência, esta atividade em tudo distinta da conquista e do comércio, da política e da moral” (LATOUR, 1994, p. 97).

Enrique Dussel por sua vez, faz uma ponderação que toca no centro desta questão ao defender, a partir da sua teoria de uma primeira modernidade luso-hispânica, a tese de que o ego cogito cartesiano só foi possível porque precedido em mais de um século pelo ego conquiro de Cortez (DUSSEL, 2002, p.60). O que queremos salientar é que esta unificação virtualmente racional do mundo feita pela modernidade responde desde o princípio a uma dinâmica conquistadora que nega a diferença cultural enquanto alteridade radical, e só sabe responder a ela através da assimilação ou destruição – o que no fundo dá no mesmo.

No entanto, mesmo após meio milênio de reiteradas campanhas dispostas a acabar com seus mundos, os ameríndios insistem em viver e resistir. Mesmo enfrentando ataques os mais diversos: de vírus utilizados como armas químicas à guerra declarada ou travestida de tutela – estatal ou clerical.

Neste sentido, pensar a cosmopolítica ameríndia na contemporaneidade passa necessariamente por uma crítica a esta unificação pacificada realizada pela ciência moderna a partir desta imagem de uma natureza universal. Pois, como bem explicita Viveiros de Castro, o pensamento ameríndio: “reconhece outros modos de existência que o nosso; justifica

Precisamos voltar a sonhar com um mundo pleno de alteridade, de diversidade ambiental, de justiça social. E essa grande tarefa, ou grande desafio político, passa também pela imaginação, pela escuta, respeito e humildade frente aos conhecimentos dos povos que já habitavam esta terra milênios antes da chegada dos europeus.

uma outra prática da vida, e um outro modelo do laço social; distribui diferentemente as potências e as competências do corpo e da alma, do humano e do extra-humano, do geral e do particular, do ordinário e do singular, do fato e do feito; mobiliza, em suma, toda uma outra imagem do pensamento” (E. Viveiros de Castro, 2011, p. 6).

A esta leitura precisa necessariamente somar-se uma crítica a Economia Política da Natureza (Albert, 2002), ou seja: estabelecer uma crítica contundente e radical às formas como criamos e dividimos as riquezas tão abundantes na superfície do planeta. Isso porque o vocabulário padrão tende a ocultar esta questão. Afinal, como esclarece Karl Pollanyi, “trabalho, terra e dinheiro são elementos essenciais da indústria (...) Todavia, o trabalho a terra e o dinheiro obviamente não são mercadorias (...) Trabalho é apenas um outro nome para a atividade humana que acompanha a própria vida (...), Terra é apenas outro nome para a natureza, que não é produzida pelo homem” (Pollanyi, 1980, p.94).

E essa questão, os povos indígenas a tem muito clara. Pois enfrentam a séculos, no corpo de suas lideranças e na mutilação das terras que também fazem parte do seu corpo, toda a violência acoplada à mitologia do Progresso e seus ordenamentos jurídicos. Torna-se assim fundamental conhecer a obra de alguns pensadores indígenas como Ailton Krenak e Davi Kopenawa. Ouvir o que seu pensamento nos comunica é crucial para entendermos melhor o mundo em que vivemos e que futuro desejamos. Para que consigamos conter e a paixão pela mercadoria responsável pela epidemia xawara que ameaça toda a vida no planeta (Kopenawa e Albert, 2016).

Afinal, como diz Davi Kopenawa “os brancos dormem muito, mas só sonham consigo mesmos” (2016, p. 390). Precisamos voltar a sonhar com um mundo pleno de alteridade, de diversidade ambiental, de justiça social. E essa grande tarefa, ou grande desafio político, passa também pela imaginação, pela escuta, respeito e humildade frente aos conhecimentos dos povos que já habitavam esta terra milênios antes da chegada dos europeus.

**50 ANOS DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO:
UM REENCONTRO COM A LEITURA DA
OBRA DE PAULO FREIRE**

Por Luiz Carlos Paixão da Rocha – Diretor Executivo da CNTE
rochalp@uol.com.br

“ Uma das grandes, senão a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir. Vem sendo expulso da órbita das decisões. As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma “elite” que as interpreta e lhas entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida. E, quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito. Rebaixa-se ao puro objeto. Coisifica-se. (Paulo Freire) ”

Neste ano, o livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, publicado pela primeira vez em 1968, completa 50 anos. O livro, já traduzido em mais de 30 idiomas, tornou-se um marco e uma referência para aqueles e aquelas que acreditam na educação como uma ação humana fundamental para a emancipação. Já há alguns anos, com o avanço de setores conservadores de direita em nosso país, Freire, que já havia sido vítima da intolerância e dos rigores da ditadura, voltou a ter sua obra questionada. Estes setores, capitaneados por grupos como MBL e Escola Sem Partido, chegaram até a protocolar no Congresso Nacional uma proposição solicitando a anulação da Lei 12.612/2012, a qual proclama Paulo Freire como Patrono da Educação Brasileira. Felizmente, a sugestão legislativa teve tramitação suspensa no Senado. Se não bastasse isso, a crítica a Paulo Freire voltou à tona na campanha eleitoral deste ano, onde um dos candidatos a presidente, ligado às forças conservadoras, colocou como uma de suas plataformas a retirada da “ideologia de Paulo Freire” das escolas brasileiras, como se esta “disseminada” em nossas escolas constituísse um dos grandes problemas do país.

É dentro deste contexto, em que são visíveis as disputas de projetos de sociedade, é que surge o projeto de leituras e de estudos da obra de Paulo Freire, organizado por educadores do Estado do Paraná. Os textos escritos por Freire consolidam-se como um importante referencial teórico para o entendimento do momento político e educacional em que vivemos. A leitura, através da associação entre teoria e prática, tem nos proporcionado elementos mais do que necessários para entendermos por que, neste momento histórico, pessoas “abdicam” do papel de “sujeito” para se constituir-se como “objeto”. O retorno

à obra de Paulo Freire traz, para nós que atuamos no cotidiano das escolas, um perturbador questionamento: estamos educando, nas palavras do próprio Paulo Freire, para a “domesticação e alienação” ou para “liberdade”? Estamos verdadeiramente contribuindo para que amplos setores de nossa juventude renunciem à velha postura de “objeto” para assumirem a condição de “sujeito”?

O projeto teve início como uma das atividades comemorativas dos 50 anos do livro *Pedagogia do Oprimido* no dia 31 de agosto deste ano, com a realização do Simpósio “50 anos da obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire”. O simpósio deu início a um processo de estudos e debates sobre a obra de Paulo Freire em todas as regiões do Paraná. Até o momento contamos com aproximadamente quarenta grupos de leituras/estudos. Esses grupos são constituídos, em sua maioria, por professores(as) e funcionários(as) de escolas públicas, contando também com a participação de estudantes e lideranças comunitárias. Os integrantes dos grupos têm a responsabilidade de ler uma das seis obras de Paulo Freire indicadas pela coordenação do projeto e de promover quatro encontros até o final deste ano para debater as leituras realizadas. No primeiro trimestre de 2019, teremos a realização de Simpósios de Apresentação das Obras Lidas e a entrega de trabalhos de reflexão escrita produzidos pelos integrantes dos grupos de leitura.

Os primeiros encontros já começaram. Os relatos são encantadores e nos enchem de muita esperança e otimismo. Aliás, os últimos anos foram de muita desesperança para os educadores e educadoras do Paraná. Nossas escolas, que deveriam ser espaços de encantamento, esperança e alegria, foram transformadas, pela ação dos governos, em espaços de tristeza, desencanto e adoecimento. Nestes últimos anos, não só pelo massacre físico ocorrido no dia 29 de abril patrocinado por Richa e cia, nos sentimentos doloridos, acuados e solitários no interior das escolas. Estudar e discutir coletivamente a obra de Paulo Freire à luz da realidade que enfrentamos na educação pública do Paraná e da atual conjuntura política, tem nos trazidos alentos e, especialmente, o resgate de valores imprescindíveis para a ação pedagógica, como a solidariedade, a valorização do outro, da humanidade e da ação coletiva.

Finalizo registrando nossa gratidão ao professor Geraldo Balduino Horn, do NESEF, e da professora Maria Aparecida Zanetti, do DEPLAE/ UFPR por acreditarem neste projeto deste o seu início. As sugestões apresentadas foram fundamentais para planejamento e formatação das atividades que estão sendo desenvolvidas. Agradecimento também aos núcleos sindicais da APP-Sindicato, de Londrina e do Curitiba Norte. E por fim, este projeto não seria possível sem o trabalho dos educadores e educadoras que participam da elaboração e coordenação do projeto, entre estes, os professores Pedro Elói Rech, Sebastião Santa Rosa e as professoras Ana Lucia e Claudia Gruber.